



A Cartografia do Imaginário da Favela: Localidade da Candelária-Mangueira (RJ)¹

Heloiza Reis²

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Resumo

A cidade é o *locus* por excelência das representações sociais, que delimitam o espaço imaginário e condicionam a geração de sentidos nos ambientes urbanos. Dentro desse conjunto de formas simbólicas produzidas pela *urbe*, está inserida a favela da Candelária-Mangueira (RJ). A partir das relações comunicativas e contextos históricos vividos, buscar-se-á identificar possíveis fluxos modeladores de seu traçado urbano, inspirados pela informação produzida por seus moradores, que imprimem uma particular cartografia do imaginário de lugar. É na dinâmica da sociabilidade que esse lugar adquire um significado pleno de sentidos e elementos simbólicos que reforçam as identidades e memórias contidas nos referenciais e narrativas sobre o passado e o presente dos moradores que expressam no tecido urbano os laços emocionais da constituição, da crise e da re-significação da favela-símbolo do samba.

Palavras-chave

Cidade; Comunicação; Imaginário; Sociabilidade; Cultura.

Introdução

Babel³: num vale da Mesopotâmia, o sonho do homem era fazê-la tão alta que alcançasse o céu, é narrada pelo Gênesis como a primeira cidade, edificada a partir do barro e que teve sua imagem difundida através dos tempos de forma paradigmática. A dissociação entre o homem e a natureza advém do aparecimento da cidade, surgida por volta de 3500 a.C. Já não são os humanos que se adequam à natureza. A relação se inverte. Os homens criam para si um espaço, o urbano, separado do rural. E deixam de ser meros mantenedores dos ciclos reprodutivos da natureza, para se tornarem

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação e Culturas Urbanas

² Heloiza Reis é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ e graduada em Arquitetura e Urbanismo (1996) e Comunicação Social (2001) pela UGF. Atualmente é professora substituta da faculdade de Comunicação Social da UERJ e integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Arte e Cidade do CNPq/PPGC/FCS/UERJ. E-mail: heloizareis@uol.com.br.

³ Segundo o Antigo Testamento (Gênesis 11,1-9), torre construída na Babilônia pelos descendentes de Noé, com a intenção de eternizar seus nomes. A decisão era fazê-la tão alta que alcançasse o céu. Esta soberba provocou a ira de Deus que, para castigá-los, confundiu-lhes as línguas e os espalhou por toda a Terra.



produtores, inventores, artífices do seu próprio lugar. Rompe-se o equilíbrio ecológico, se emancipam submetendo a natureza às suas exigências e projetos. O corte é muito bem simbolizado no episódio da Torre de Babel, jóia literária em menos de dez versículos. Assim, o nascimento da cidade nos chega de forma mítica, com apoio num discurso e numa imagem de representação de uma criação do homem.

Andar pelas ruas de uma cidade como o Rio de Janeiro, pode parecer uma ação ordinária, sem intenções e surpresas, visão de um cotidiano de metrópole que vive em ritmo acelerado, indivíduos anônimos, vivência fragmentada dos papéis sociais que compõem o tecido urbano na modernidade (Arantes, 2002; Velho, 1979). Esse próprio ato de caminhar pode ser motivo de estranhamento e admiração, afinal é a partir da observação que construímos as paisagens urbanas no seu ato de “habitar” a cidade, das formas de apropriação deste espaço por quem circula e freqüenta as ruas, as calçadas, as esquinas, as praças, enfim os lugares públicos da metrópole. Segundo Michel Certeau (1996), toda cidade é escrita pelos trajetos dos seus habitantes, cujas formas de vida deixam suas marcas nas ruas do centro urbano e assim conformam ou formatam este espaço a partir de suas “práticas cotidianas” ou dos “usos do espaço público” que tais práticas engramam.

Na perspectiva de construção do nosso objeto de estudo sobre comunicação e cidade, este artigo pretende discutir e analisar a cidade como o *locus* por excelência das representações sociais, que delimitam o espaço imaginário e condicionam a geração de sentidos nos ambientes urbanos. Dentro desse conjunto da *urbe* está constituída historicamente a localidade da Candelária, uma das 11 sub-localidades do Complexo da Mangueira, enquanto parte de uma cidade moderna como o Rio de Janeiro, que como muitas outras no país e no mundo, é atravessada pelo processo de globalização. A partir das relações comunicativas e contextos históricos vividos, buscar-se-á identificar possíveis fluxos modeladores de seu traçado urbano, inspirados pela informação produzida por seus moradores, imprimindo uma particular cartografia do imaginário de lugar da favela. A escolha desse objeto de estudo é justificada na dinâmica da sociabilidade, que produz processos e manifestações comunicativas plenos de significado, de sentidos e de elementos simbólicos, que se estabelecem no lugar a partir da estética particular de eventos sócio-culturais, sua ambiência – visual e sonora – como elementos que conformam formas de estetizar o espaço.

Tais práticas sociais, aparentemente cotidianas e banais, criam à consistência do lugar e formam uma cartografia do imaginário de lugar (Maia & Krapp, 2005), com



características próprias de idéias, crenças e opiniões, que podem estar contribuindo para ampliar e ancorar identidades; memórias contidas nos referenciais e narrativas sobre o passado e o presente dos moradores que expressam no seu traçado urbano os laços emocionais da constituição, da pertença, da união, da crise e da re-significação da favela-símbolo do samba.

O imaginário da cidade à favela.

Assim como aconteceu com “Babel”, o erguimento das favelas na cidade do Rio de Janeiro foi obra coletiva. Entre as muitas possibilidades de pensar a produção do conhecimento histórico do urbano no mundo contemporâneo, optamos pelo caminho que nos leva ao imaginário social que os homens, ao longo de sua história construíram sobre a cidade. É necessário esclarecer que se entende a comunicação, no contexto das sociedades urbanas contemporâneas, como um fenômeno e este, como um processo, que se desenvolvem em várias dimensões individuais e coletivas. Se o nosso foco na cidade é o conjunto social da favela, acredita-se no compartilhamento sistêmico e integrado da comunicação e da informação – compreendida como significação em rede. Estes não se confundem, obrigatoriamente, com a geografia física. Uma mesma formação social pode abrigar como nos parece que é o caso da Candelária, diversidades e similaridades. Existem sistemas de significação que transcendem sua própria geografia e outros que têm uma história de especificidade local. Neste caso, isto se remete aos moradores que transitam em universos simbólicos de maior amplitude, ‘anteados’ ou ‘conectados’ em experiências sócio-culturais. Haveria, no sentido destacado acima, um território do imaginário, do simbólico onde existe o processamento comunicacional e informacional. Este espaço teria um lado material (contexto social e meios de processamento) e outro ideal (processos e resultados simbólicos). Funcionaria como uma espécie de atmosfera essencial à vida, mesmo que existam diferenças de uso, efeitos e adaptação no grupo sócio-cultural envolvido.

Podemos citar como exemplo de experiências sócio-culturais, o baile-show organizado pelo “Seu Manezinho”, morador e comerciante da favela já falecido, que reproduzia na Candelária uma atmosfera da “Era do Rádio”⁴, que nos anos 40 e 50 projetou Emilinha Borba, Marlene, Dalva de Oliveira, Cauby Peixoto, Ângela Maria e

⁴ O “pai do rádio brasileiro” foi Edgard Roquete Pinto. Ele e Henry Morize fundaram em 20 de abril de 1923, a primeira estação de rádio brasileira: Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Foi aí que surgiu o conceito de “rádio sociedade” ou “rádio clube”, no qual os ouvintes eram associados e contribuíam com mensalidades para a manutenção da emissora.

tantos outros que seduziram brasileiros através do rádio, dos discos e da Revista do Rádio⁵. Eles eram o Brasil urbano, suburbano e rural, e tinham admiradores em todas as classes. E foi na popularidade desses cantores que os moradores da Candelária soltavam a voz no baile-show, inspirados em seus ídolos.

Em depoimento, D. Maria das Graças lembra com saudades deste evento que freqüentava ainda menina, aos 11 anos de idade:

“No show tinha os rapazes que tocavam os instrumentos, as mocinhas que ‘cantava’...E na época vinha a Dircinha Batista, a Linda Batista...Eu cantava...E era muito bom! A gente ganhava prêmios...Naquela época eu cantava muito Edite Veiga, Dalva de Oliveira, Emilinha...Era moda da época, né, era moda! Tanto que as pessoas que cresceram junto comigo só me chamam de ‘Maria Jandira’, porque quando me anunciavam era Maria Jandira...Jandira era o nome da minha mãe e tinha outras ‘Maria’, né. Era o meu nome artístico. Ah, aquilo era muito bom! Mas isso, gente, não era porque eu era artista, não. Na época, na idade de 12, 13 anos, a gente queria aparecer, então, minha mãe deixava...então, na adolescência a gente se divertia ali, cantando. A gente cantava ‘mermo’ com microfone e tudo, ganhava nota dos jurados, ensaiava para as apresentações. E a gente não tinha disco, nem nada, não sobrava dinheiro para isso...quem sabia a letra escrevia, às vezes a gente cantava até errado, porque a gente decorava em cima daquilo ali, né?! Aquilo pra nós era um grande divertimento!”⁶

Se partirmos do papel exercido pelos meios de comunicação - televisão, rádio, jornais, revistas, internet – que, como diz Thompson (1995), atuam neste mundo produzindo informações e, construindo formas de pensar e agir nas sociedades, como atores sociais que precisam ser considerados para a compreensão da história das sociedades neste tempo marcadamente envolvido pela produção e circulação de formas simbólicas (seja em forma de narrativas ou imagens) que constroem a realidade através da representação que dela se faz. No mundo contemporâneo as favelas se colocam no contexto urbano como o lugar “onde as coisas acontecem”. São nessas “formas de acontecer” pelas quais os moradores estabelecem suas relações e interações, que são eminentemente influenciadas por processos de mediação presentes em manifestações de sociabilidade, decorrentes dos imaginários sociais, como sistemas de idéias e imagens de representação coletiva que atuam sobre a configuração desses lugares, variando é claro, em intensidade em função do espaço, da cultura, da economia e da política predominante. É

⁵ A Revista do Rádio foi lançada em 1948 e trazia de forma abrangente e pitorescas informações sobre o meio radiofônico.

⁶ Depoimento no dia 18/05/2007 da D. Maria das Graças da Costa Louzada Queiroz, 58 anos, nascida em Tombos de Carangola, Minas Gerais e criada na Candelária.

bom advertir que não se compreende a idéia de imaginário de modo hierárquico e fixo. O imaginário em que se acredita acontecer nesses espaços urbanos são conjuntos móveis e mutantes de relações estabelecidas entre entes sociais ou culturais, funcionando ao sabor dos ventos do momento e das tendências do processo histórico. A representação guia o mundo, através da palavra e da imagem, que dão significado à realidade e pautam valores e condutas.

Para Sandra Jatahy Pesavento (2003), a representação:

“É portadora do simbólico, ou seja, diz mais do que aquilo que mostra ou enuncia, carrega sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão”. (Pesavento, 2003: 41)

Tratar de questões relacionadas à cidade, especialmente as favelas cariocas, é um tanto complexo, pois estas áreas circulam no imaginário social como um ambiente misterioso. Teríamos a questão da pluralidade de saberes expressos em narrativas e em produções de imagens que se cruzam e não se excluem, dando ao conhecimento uma dimensão transdisciplinar, abordando o real na busca de cadeias de significados. Assim a favela, como o “lugar do homem” (Pesavento, 2002, p.9) é objeto de múltiplas narrativas e olhares, que não se hierarquizam, mas se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros. É comum alimentar curiosidades e especulações acerca do cotidiano dos que habitam nesses lugares, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades em suas ruas, vielas, becos e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às sociabilidades que nesse espaço se fazem presentes. Muito se discute sobre as particularidades que envolvem as favelas cariocas e alguns acreditam que as favelas “são cidades dentro das cidades”, (Carvalho,1999).

Entre as muitas possibilidades de acesso a este fenômeno urbano, pode-se optar por seguir as narrativas e imagens que falam de uma favela, caminho este que pretende lidar com os imaginários sociais que alguns homens, ao longo de sua história, puderam construir sobre a sua favela. É o que Pesavento (2002) chama de “cidade de pedra”, erguida, derrubada e transformada através dos tempos em sua forma e traçado. Em tal favela, se exercita o olhar que sonha, deseja, cria, recria e reconstrói a materialidade da pedra sobre a forma de um imaginário. O morador, privilegiado observador do seu espaço social, exerce sua sensibilidade para criar uma favela do “pensamento, traduzida

em palavras e figurações mentais imagéticas do espaço urbano e de seus atores” (Pesavento, 2002).

O imaginário são as representações simbólicas que dão significado à realidade expressando valores e formas de ser de uma sociedade e de uma cidade. Para a definição de imaginário reportamo-nos ao trabalho do historiador Bronislaw Baczko (2000), para quem o imaginário está ligado ao processo de construção de um grupo social ou nação em que: “através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa sua identidade; elabora certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns...” Afirma ainda que os imaginários sociais ou o imaginário comportam os mitos, as crenças, as ideologias, os conceitos, os valores, as utopias, é construtor de identidades e exclusões, divide, aponta semelhanças e diferenças no social e expressões simbólicas que se manifestam na experiência humana. Assim, o imaginário também é representação ou está contido nela. Segundo Pesavento (2003) “ele (o imaginário) é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo coesão e conflito”.

Para Baczko, cada sociedade produz um sistema de representações, no qual ocupam um lugar à parte os símbolos e as imagens transmitidos, capaz de legitimar a ordem estabelecida, mas também de, ao mesmo tempo representar os seus conflitos. Portanto, o sentido de um lugar liga-se, desde a sua origem, à memória e qualquer que seja a perspectiva de seu estudo, este, como a própria etimologia indica, desempenha, fundamentalmente, uma função de memória. É um sinal do passado, expressando um “poder de perpetuação, voluntária ou involuntária”, graças ao qual uma sociedade pretende impor ao futuro uma determinada imagem de si, “é um legado à memória coletiva”.

Nos dias de hoje, as favelas do Rio de Janeiro ganham visibilidade na mídia, mas ainda assim prevalece o imaginário negativo. A favela abriga pessoas comuns, vivencia questões cotidianas e é um lugar com características específicas, mas onde vivem pessoas com ambições, desejos, sonhos.

A cartografia dessas linhas de força, com suas assimetrias e desestabilizações, faz coexistirem e se tensionarem reciprocamente criatividade, privação, transformação, sujeição, revolta, destruição, domesticação, arte, inquietação, entre tantos outros movimentos. Por meio do “traçado” dos moradores, este será o guia que privilegiará a experiência de vida na favela. Cortando o volume do bairro, suas ruas, travessas, vielas e becos que conectam suas localidades, temporalidades, gentes e estéticas, as histórias,



narrativas e memórias que transcorrem de modo contínuo, sem com isso deixar de realçar os diferentes relevos e matizes de seu conteúdo. Pontuando todo o volume, imaginários dão lugar às mais diferentes vozes, todas elas ávidas por traduzir a sua experiência “periférica”.

Na interação dessas formas – entrevistas, imagens, observação participante –, buscamos mapear a localidade da Candelária menos como território de encapsulamento do que como multiplicidade irreduzível, onde nada está dado de antemão ao mesmo tempo em que tudo é possível, oscilando da subjetivação à sujeição, da subversão à substancialização, da resistência à resignação. Não a simples recusa ou aceitação da periferia versus o centro, ou tampouco a impossibilidade de reverter posições que podem se nos revelar de maneira endurecida. Mas sim reconhecer, no centro, seu devir-periferia, como na periferia, simetricamente, seu devir-centro.⁷

A co-habitação de imaginários torna a localidade da Candelária um lugar pleno de significados e de símbolos que ligam os indivíduos (Hall, 1997). Os diferentes personagens que habitam o morro conferem às coisas um permanente movimento, um intercâmbio cultural e fator de difusão de práticas que fortalecem a urbanidade, a sociabilidade, a troca, a mistura e a diferença (Simmel, 1979). No contexto de reconhecimento de identidades passíveis de constante redefinição e experimentação de multiplicidade de papéis, a vida cotidiana se apresenta como uma esfera privilegiada de conquista de autonomia individual e de formas de sociabilidade.

Para Anthony Giddens (2002), estilo de vida pode ser definido como práticas que o indivíduo incorpora em sua vida e que não preenchem apenas necessidades utilitárias, mas “dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade”. Canclini (1997), estudando questões do local, aponta para mudanças que afetam de forma generalizada o cenário sócio-cultural do mundo, aplicando tais considerações às realidades como a nossa. No espaço local habitam homens e mulheres enraizando valores e cultura; demarcando limites de viver e de situar-se no mundo; desenvolvendo multiplicidade de práticas sociais; definindo formas de convivência; apropriando-se, (extraindo ou multiplicando) bens e valores culturais, sociais e políticos; estabelecendo relações, alianças e confrontos no presente com vistas ao futuro.

O tema globalização ganha representatividade e declara fim aos espaços, das sociabilidades e das histórias de vida como indutoras de contatos entre os indivíduos.

⁷ Referência à matéria “A periferia está no ar” publicada na Revista da TV – Jornal O Globo – Domingo, 17 de dezembro de 2006.



Para diferentes autores, como Santos (2000), é impossível dissociar a experiência da elaboração das identidades sem levar em conta os efeitos dramáticos que a globalização e os riscos sociais imprimem tanto ao indivíduo quanto à sociedade. A velocidade da circulação de informações e objetos nos conduz a pensar em seres sem lugares fixos e formas de relação, não permitindo o estar das pessoas nos espaços para trocar visões sobre a vida cotidiana e seus estilos de vida. A experiência de morar numa metrópole como o Rio de Janeiro, nos faz vivenciar experiências no espaço da urbe, que estão em toda parte e, destacando, nos personagens que habitam a Candelária, no morro da Mangueira.

O campo e a aproximação com o universo da Candelária

A surpresa que guia nossos passos na descoberta da Candelária como objeto de estudo é a diversidade e a heterogeneidade nas formas de viver da favela, formas que contrapõem ou se completam nas práticas cotidianas de sociabilidade de seus moradores, numa dinâmica original. Nesse contexto é inegável a presença avassaladora de imagens representados pelos símbolos e signos, em aparente desorganização, gerando enorme impacto e conseqüente, “poluição visual”, pois devem ser apreendidos de maneira muito rápida, o seqüencial cede ao simultâneo e ao instantâneo, o meio é a mensagem, forma e função são unidades. A favela contemporânea é um palco em que o olhar não se contempla só em detalhes e desta maneira os ícones e a paisagem se confundem e a informação passa a ser cor, textura. É procurar entender o seu espaço como lugar do encontro e da comunicação, lugar da cena pública onde se desenrolam a diversidade, os conflitos, as práticas e os imaginários sociais compartilhados, as possibilidades de diálogos. Criadores de suas próprias matrizes comunicacionais, marcam de forma identitária os trajetos que demarcam o espaço-imaginário da favela. Aqui não é só o lugar que congrega as pessoas, e sim, a intensidade de sentido depositada pelos moradores e seus rituais que converte uma rua, uma esquina, um campinho em território próprio. Esses são lugares de passagem que acabam marcando a trama urbana da favela a partir das diversas formas de apropriação. O lugar é estabelecido a partir de uma interação comunicativa, de sociabilidade, de união, de confraternização, de solidariedade, de festa. É uma comunicação que busca arrancar uma expressividade do espaço estabelecendo a possibilidade e a exigência do diálogo e dos relacionamentos. (Silva, 2003)

Antes de entrar no espaço – e tempo - da favela propriamente dita é importante considerarmos o cenário em que se desenrola esta pesquisa e indicar que o Parque Candelária (nome oficial) é um dos núcleos populacionais que formam o complexo do morro de Mangueira⁸. O complexo é situado na zona central do Rio de Janeiro, com limites: ao norte com o bairro de Benfica; a nordeste e leste, São Cristóvão; ao sul, com o Maracanã; e a sudeste e oeste, São Francisco Xavier. Mangueira existe à aproximadamente cem anos, sendo a terceira favela mais antiga da cidade⁹.

Neste sentido, a partir da nossa “arte de observar” começamos a pontuar as relações e interações estabelecidas entre os seus moradores e que se definem na própria experiência deste espaço. As práticas de sociabilidade nos despertaram para as diversas formas de vida que compõem a dinâmica urbana, na qual um ato simples e de necessidade de ir à “padaria da Dona Penha”¹⁰ pode estar carregada de significados que ultrapassam a razão prática do cotidiano. Nesta perspectiva, consideramos uma hipótese que as favelas são elementos importantes na estrutura social da paisagem urbana, pois são constituídas de uma dinâmica específica de ocupação, vivência, prática e transformação do espaço.

A co-habitação de imaginários torna o cenário da Candelária, privilegiado para este estudo por apresentar um intercâmbio cultural entre diferentes atores e fator de difusão de práticas culturais que fortalecem a comunicação, a urbanidade, a sociabilidade, a troca, a mistura e a diferença.

Na análise da relação das memórias dos moradores e do imaginário construído a partir das práticas de sociabilidade da favela imaginária (Anderson, 1989), buscamos os elementos simbólicos contidos nos diversos referenciais erguidos na Candelária, ao longo da sua história e nas narrativas, em seus diversos sentidos e imaginários, que articulam memórias e identidades do passado e do presente.

Para mapearmos os elementos simbólicos da favela que poderão estar expressando imaginários de lugar, levantaremos junto aos moradores alguns “lugares de memória” da localidade, seus referenciais simbólicos de cidade, de lugar, de favela, de comunidade, e o significado que estes tinham e tem para si. Tal levantamento se deve ao

⁸ Outros núcleos: Telégrafos, Pindura Saia, Santo Antônio, Chalé, Faria, Buraco Quente, Curva da Cobra. Informação retirada no site da Estação Primeira da Mangueira (www.mangueira.com.br)

⁹ O Morro da Providência (1897) é a 1ª favela carioca. Na seqüência, surgem São Carlos/Estácio e Mangueira. (informação aula disciplina Geografia da Cidade do Rio de Janeiro, ministrada pelo prof. João Baptista – Programa de Pós-graduação em Geografia da Uerj).

¹⁰ Há 30 anos, um dos principais pontos de referência na Candelária.



fato de que esses “lugares de memória” estão carregados de sentido simbólico, testemunhando sistemas mentais da época, em que se misturam os tempos passado, em que foram criados, e presente, histórias individuais e coletivas, construindo uma rede de significados e que podem ser identificados ao traçado urbano da favela.

Pesavento (2002) destaca Anne Querrian¹¹:

“As imagens se fabricam em diferentes níveis, por diferentes técnicas: todas mobilizam a memória, o passado, mas declinam à sua maneira. O diálogo com os habitantes se ancora sempre na memória, único monumento popular, à disposição de todos” (Pesavento, 2002:15)

A análise de uma situação social a partir da noção de rede implica direcionar olhar para os grupos de atores envolvidos, para as atividades que empreendem, para os objetos a eles associados e que cumprem determinado papel nas associações que estabelecem entre si. (Latour, 1991). A organização dos grupos urbanos em redes de sociabilidade possibilita aos moradores, através de relações horizontais e colaborativas, produzir narrativas, territórios de negociação e se conectar a outras redes, que os inserem como interlocutores do mundo globalizado. Os indivíduos constituintes destas redes participam da ação política mediante a produção/apropriação e recepção cultural, a partir de suas experiências no cotidiano urbano, arraigadas em valores comunitários e locais. (Silva & Gonzaga, 2005).

Parece-nos evidente que a representação social permite compreender como o sujeito, em sua relação com o mundo, constrói e atribui significados às suas ações, experiências e projetos pessoais. Mas isso não significa que as representações expliquem as condutas, propriamente ditas, ou excluam por si a utilização de outros elementos que possam ajudar a elucidar os fenômenos sociais. Deriva daí, a necessidade de entender como o processo de modernização repercute nas relações sociais, modificando-as e influenciando a reconstrução das identidades pessoais e das unidades simbólicas. Na relação entre o universal e o particular, entre unidade e totalidade se constrói a rede das relações interpessoais, e que é dentro dessa "rede" que o sujeito pode recriar significados.

¹¹ Querrian, Anne. Images et mémoires. Les Annales de la Reserche Urbaine. Images et mémoire. Paris, n.42, mars/avril.1989.p3



“A Mangueira é mãe”: As narrativas sobre a construção do imaginário de lugar

A forte separação existente no Rio de Janeiro entre a cidade formal e a “cidade informal” das favelas deu origem entre os indivíduos que nela vivem, a criação de mecanismos alternativos de reconhecimento e sobrevivência. Em nítida oposição a cidade onde predominam relações interpessoais, a favela é marcada por relações personalizadas, onde todos se conhecem e se ajudam. Os laços de parentesco também são comuns, é freqüente ocorrer namoros e casamentos entre moradores da mesma área que procuram continuar residindo nas proximidades.

Como destaca Alvito (1999):

“Os laços de amizade e vizinhança, já incrivelmente ativos, são assim reforçados por laços de parentescos. Isso sem falar no parentesco ritual estabelecido pela existência de ‘compadres e comadres’. Esses diferentes tipos de relacionamento concorrem para existência de uma coesa e importante rede de solidariedade. Some-se a isso terem freqüentado a mesma escola pública e o fato de que, muitas vezes, trabalham lado a lado ou mesmo ombro a ombro, carregando mercadorias na Ceasa, por exemplo. A possibilidade de ajuda mútua está sempre presente: entre as mulheres, pedir uma caneca de açúcar, arroz ou óleo é bastante comum. Entre os homens, adiantar pequenas quantias em dinheiro, prestações de trabalhos e rodas de cerveja são as formas mais comuns de troca. Em ambos os casos, há uma etiqueta a seguir: a reciprocidade é um ideal a ser perseguido com esmero, e tanto a generosidade excessiva quanto a avareza são vistas como deslocadas num ambiente marcado pela horizontalidade das relações sociais.” (Alvito,1999:194)

Essa solidariedade vivenciada cotidianamente cria vínculos e sistemas próprios que garantem, mesmo que minimamente, os padrões de reprodução social. É neste processo que nascem alternativas coletivas para suprir necessidades comuns. Segundo Mello (2003), tais envolvimento, que despontam com a experiência, a confiança e a afeição, denota intimidade. É nessa abrangência que o imaginário de lugar da Candelária, é compartilhado e forjado pelo símbolo edificante da união entre os seus moradores, pois “trata-se de um mundo vivido e filosófico, existencial e coletivo, de enraizamento, lutas e glórias, uma ‘morada familiar’.” Através de conversas com os moradores para a realização da pesquisa¹², pudemos perceber que em sua maioria, não reconhecem outros lugares fora da comunidade que vivenciem tal experiência. A Candelária e, a Mangueira, em todas as entrevistas são apontadas como o mais

¹² Em parceria com a organização não-governamental Meninas e Mulheres do Morro, formada por lideranças comunitárias da Candelária-Mangueira.



significativo da história de suas vidas. Eles falam com muito orgulho do lugar onde vivem “Aí, eu tenho, eu tenho muito orgulho deste lugar... Eu falo com os meus filhos sempre, se eu morrer dentro de um hospital vocês me ‘traz’ o meu corpo pra ‘qui’, vai embora daqui”¹³.

Falar do imaginário de lugar, o resultado histórico de um encontro entre o sonho individual e uma atitude coletiva sintetiza a importância das histórias de vida para entender o conjunto das experiências humanas no processo histórico, ou a articulação existente entre os indivíduos e as transformações sociais que influenciaram o espaço urbano local.

“Quando eu vim pra cá aos seis anos de idade, me lembro que tinha muitos moradores, mas só que assim...tinha muito espaço...as casas tinham quintal, né, tinha espaço. Conforme foi crescendo, os ‘filho’ casando, ia aumentando aonde tinha quintal, ia aumentando mais outro cômodo (os ‘puxadinhos’), até que ficou todas as casas sem espaço nenhum ‘prás’ crianças brincar.”¹⁴

O começo de vida na Candelária para muitos moradores, envolveu grandes sacrifícios, embora muitas vezes a rede social atuasse como amparo nos primeiros tempos. Um exemplo disso, em meio a tantos outros, é o da Dona Maria da Penha Moreira, que há 30 anos veio para a Candelária com marido e filhos realizar um sonho: ter uma padaria. D. Penha, como é conhecida na comunidade, realizou seu desejo e na Rua Graciete Matarazzo¹⁵, apelidada pelos moradores por “Rua de Baixo” e principal logradouro da Candelária, construiu sua padaria:

“Eu gosto de todos, de todo mundo...me ajudaram muito. Eu vim pra ‘qui’...sou muito grata e agradeço...não tem como agradecer o pessoal do morro o que fez por mim, entendeu? Eu vim pra ‘qui’ eu e o meu marido, só nós dois morando num quarto de 3x3, com quatro ‘filho pequeno’...e eu tô aqui até hoje. E não tenho nada o que dizer contra do lugar...nada!”¹⁶

E com a ajuda e união da comunidade, que D. Penha se destaca como uma mulher empreendedora, criativa e com uma enorme capacidade de trabalho. Que aliás, continua firme e forte. Com um produto de qualidade e uma localização privilegiada, D.

¹³ Depoimento no dia 11/05/2007 da D. Adineva da Cruz, 72 anos, nascida e criada na Candelária.

¹⁴ Depoimento no dia 18/05/2007 da D. Maria das Graças da Costa Louzada Queiroz, 58 anos, nascida em Tombos de Carangola, Minas Gerais e criada na Candelária.

¹⁵ Homenagem dos moradores “a uma grande mulher”, que trouxe várias melhorias no lugar, como: calçamento, escada, água nas casas, entre outras. É um importante símbolo do imaginário do lugar.

¹⁶ Depoimento no dia 25/05/2007 de D. Maria da Penha Moreira, 67 anos, nascida e criada em Descoberto, Minas Gerais, e proprietária da padaria Eliete Gama, nome dado em homenagem à filha caçula.

Penha chama a atenção pela maneira como se relaciona com seus fregueses. E diz com orgulho que seu estabelecimento é um “bom encontro e referência” na localidade. E, como dizia o poeta Vinícius, a vida é a arte do encontro, D. Penha soube e sabe valorizar o quanto um bom lugar, uma boa média (café-com-leite e pão francês na chapa) e uma boa conversa podem tornar as coisas mais simples, mais simpáticas e mais interessantes. D. Penha e sua família tornaram a padaria seu lugar perfeito para se conhecer os hábitos e gostos de seus fregueses. Aliás, é comum chegar e ser chamado pelo nome e ter a certeza de que o café-com-leite e o pãozinho gostoso que se aprecia será servido sempre naquela temperatura (nem muito quente e nem muito frio...), “Todo dia...de manhã 6 ‘hora’, e agora, 3 ‘hora’, estou aqui pra fazer o meu lanche”, fala seu Airton Crispim Côrtes, 70 anos, que religiosamente ou “mês todo”, come seu sanduíche de pão francês (com queijo e presunto) e um copo de café-com-leite.

A padaria faz parte da produção imaginária que a dinâmica social local construiu cujo conteúdo simbólico é possível de ser datado e classificado. Neste sentido, como parte de uma história, a padaria está inserida em contextos e processos sócio históricos específicos (Thompson,1990), ou seja, está vinculado a determinadas condições materiais e sociais, marcando distinções que estão presentes nas relações sociais do passado da Candelária como também no seu presente. Lugares e símbolos, através de laços emocionais conquistados ao longo de anos, adquirem um profundo significado. Portanto, a Candelária pode ser considerada uma comunidade imaginada porque proporciona um sentido quase religioso de pertença e camaradagem entre aqueles que se julgam compartilharem um determinado lugar simbólico. O lugar é simbólico na medida em que pode ser um espaço geograficamente unido, sedimentado por meio de sentimentos simbólicos; a configuração da paisagem, das construções e das pessoas tem sido investida com memórias coletivas que possuem suficiente poder emocional para gerar um senso comunal (Featherstone, 1997). Certos lugares podem ser revestidos de um determinado status emblemático, como a padaria da D. Penha, e usado para representar uma forma de laço simbólico que se sobrepõe e encarna as várias afiliações locais que as pessoas assumem¹⁷. Assim, a criação de uma comunidade é inventada, mas não a partir do nada. Se enfatiza a necessidade de um repositório comum de acontecimentos, paisagens e recordações, organizados e feitos para assumir uma qualidade primordial.

¹⁷ Ibidem, idem.

É no contexto do imaginário construído pela cidade que poderemos localizar memórias territorializadas na Candelária. Território cuja organização é marcada de características e especificidades, tanto pelos objetos, moradias, comércios e pessoas que aí se encontra, quanto pela maneira de apropriar-se, utilizar-se e considerar esse conjunto de elementos. O espaço não é somente uma área geográfica, mas também uma forma de relação com os objetos estruturados numa cultura e, sobretudo, uma rede relacional de representações em que os membros de uma mesma coletividade concedem significados, geralmente reconhecidos, a elementos e características de seu espaço. Nessa abrangência “um indivíduo não é distinto de seu lugar, ele é esse lugar” (Relph, 1976). Trata-se do existencial e coletivo, de enraizamento, lutas e glórias e, segundo Mello (2003), do sonho e da realização de abrir uma padaria, D. Penha decorre de lembranças notáveis de orgulho e do bem comum, uma significação especial “Não tem como agradecer o pessoal do morro o que fez por mim”.

Referências bibliográficas

- ALVITO, Marcos e Zaluar, Alba. Um século de favela. Rio de Janeiro, Ed FGV, 1999.
- ANDERSON, Benedict. Nação e Consciência Nacional. São Paulo: Ática, 1989.
- ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. Cultura e transformação urbana. In: PALLAMIN, Vera (org.). *Cidade e Cultura: Esfera Pública e Transformação Urbana*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p.59-72.
- CARVALHO, Maria do Carmo. A priorização da família na política social. São Paulo, Cortez, 1994.
- BACZKO, Bronislaw, apud Falcon. Francisco. In: Cardoso, Ciro Flamarion e Malerba, Jurandir. (org) História e representações. Campinas: Papyrus. 2000.p 56.
- CANCLINI, N. G. *Cultura Híbrida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano. Arte do Fazer*. Vozes: Petrópolis, 1994.
- FEATHERSTONE, Mike. O Desmanche da Cultura: globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1997, p. 151.
- FONTOURA, Carlos; SILVA, Augusto Santos. A cidade ao lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural. In: SANTOS, Boaventura dos. *Globalização e Ciências Sociais*. Lisboa: 2001. p.419-474.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.
- MAIA, João e KRAPP, Juliana. Comunicação e Comunidade: novas perspectivas das sociabilidades urbanas In: FREITAS, Ricardo Ferreira e NACIF, Rafael (org.). *Destinos da Cidade: Comunicação, arte e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, 31-45p
- MELLO, João Baptista Ferreira de. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares” In: Revista Espaço e Cultura. Rio de Janeiro-RJ: Nepec, UERJ, nº 16, julho-dezembro,2003, 64-72p.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- _____. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 2002.
- SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.



_____. Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro - São Paulo: Record, 2000.

SILVA, R.H.A. Espaço urbano, espaço da comunicação. In: Anais do 26º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, 2003. São Paulo: Intercom, 2003. [cd-rom]

SILVA, R.H.A.; GONZAGA, M.M.. Redes Culturais em Territórios Urbanos. In: Anais do 28º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro-RJ, 2005. São Paulo: Intercom, 2005. [cd-rom].

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. In: *O Fenômeno Urbano*, Otávio Velho (organizador). Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

THOMPSON, John. Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes. 1995.

VELHO, Otávio (org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.